

Um homem volta da Gávea

Aquela hora, um homem devia estar voltando da Gávea.

A menina cobriu o rosto com as mãos e soluçou baixinho, encostada ao muro. “Deixem-me ir embora pra casa. Mamãe está esperando”, pedia. Ronaldo lhe deu um pontapé, rindo. “Não seja bôba, amorzinho. Você deve ser boazinha comigo. Ninguém saberá de nada.” Agarrou-a pelos cabelos, querendo levantá-la. “Deixem-me ir embora pra casa. Mamãe está esperando”, repetia a menina. Um murro de Ronaldo sôbre os cabelos ruivos de Aída obrigou-a a calar-se. Cácio tentou suspender-lhe a saia. Ela se ergueu, para se defender contra o nôvo ataque. Foi quando Ronaldo a esbofeteou com as costas da mão, da esquerda para a direita. O sangue aflorou aos lábios da menina, que repetia baixinho: “Deixem-me ir embora pra casa. Mamãe está esperando”. Ronaldo ria. Aída tirou um lençinho da bôlsa, enxugando o sangue. Durante um largo tempo

fôra esmurrada, gravateada, recebera pontapés, puxões, sôcos e bofetões, sempre soluçando baixinho: “Deixem-me ir embora. Mamãe está esperando”. Encostada ao paredão, sòzinha, sòzinha, naquele terraço, longe de qualquer socorro, as luzes da Cidade acendendo e apagando, as três faces voltadas para ela, sòzinha, sòzinha. Depois, o silêncio.

Àquela hora, um homem devia estar voltando da Gávea.